

MINHAS VIDAS PASSADAS

um trabalhador do esclarecimento

2015

*Saber bastar-se no que basta é o bastante.
Sem sair de casa conhece-se o mundo.
Sem olhar pela janela vê-se o Tao do céu.
Quanto mais longe se vai menos se conhece.
Por isto, o homem santo não viaja e conhece, não
olha e sabe, não age e realiza.
No estudo a cada dia se cresce mais.
No Tao a cada dia se decresce mais e decresce,
decresce, até chega chegar-se à não-ação.
Na não-ação nada deixa de agir.*

(LaoTzé)

ÍNDICE

- 1 – No continente de Mu (12.000 a.C.)**
- 2 – No Egito antigo (5.000 a.C.)**
- 3 – Em Israel (1.000 a.C.)**
- 4 – Na Macedônia (300 a.C.)**
- 5 – Em Roma (100 a. C.)**
- 6 – Em Israel (época de Jesus)**
- 7 – Na França (800)**
- 8 – Na França (1.100)**
- 9 – No Brasil (1.500)**
- 10 – Na França (1.600)**
- 11 – No Brasil (1.700)**
- 12 – No Brasil (primeira metade de 1.900)**

INTRODUÇÃO

Atualmente dedico-me ao meu aperfeiçoamento espiritual. Escrevi muitos livros. Digo isto não para contar vantagem, mas apenas para esclarecer minha facilidade para o uso da palavra escrita por conta das repetições das minhas vidas como historiador.

Sou espiritualista e praticante da auto reforma moral.

Na verdade, nunca pensei em escrever minha autobiografia, ainda mais englobando encarnações passadas. Achava meio pretensioso ficar narrando fatos que as pessoas não têm interesse em conhecer, pois, afinal de contas, não sou uma pessoa famosa, sendo que só os famosos têm suas biografias lidas pelo público em geral.

Em que interessa a biografia de um cidadão comum, que nenhum destaque tem além dos limites da cidade onde mora e trabalha?

Mas acho que chegou o momento de expor ao grande público as revelações que fui tendo no curso desta minha existência atual.

Acredito que é importante para o conhecimento das pessoas saberem de um caso concreto de sequência evolutiva.

Dessa forma, podem os prezados leitores ter certeza de que não estou escrevendo para “contar vantagens” nem para simplesmente narrar fatos

passados, dos quais alguns estão anotados na História enquanto que outros sequer foram registrados ou os povos e locais onde vivi até desapareceram.

Minha intenção é mostrar aos prezados leitores que acreditam na reencarnação como ela nos faz evoluir intelectual e moralmente e hoje somos o resultado das nossas vivências anteriores.

Não sou nenhum ser especial, mas reconheço-me um trabalhador das hostes do Cristo, ou seja, identificado com Seu Missionato de Amor e Justiça na Terra.

Assim, portanto, depois de identificadas algumas das minhas encarnações na Terra, vou contar a vocês, prezados leitores, a minha história neste planeta.

Sei que vim para cá proveniente de um dos mundos da constelação de Órion, há muitos milênios atrás, integrando o que se convencionou chamar de “raça vermelha”, diferente psicologicamente das raças branca, amarela e negra.

O fato de ser um egresso de lá não significa mérito nem demérito, pois há, em todos os mundos, espíritos mais adiantados e outros mais atrasados. Tenho certeza de que não sou dos adiantados dos que vieram daquele mundo, mas, por algum motivo, vim para cá há muitos milênios.

Aqui começa o livro.

Vou narrar a seguir o de que fui tomando conhecimento.

Alguém perguntará como fui tomando conhecimento dessas vidas passadas e lhe respondo que tenho uma mediunidade um tanto rara, decorrente do fato de ter sido historiador em muitas vidas. Assim é minha facilidade em me localizar dentro de uma época e um lugar.

Não considero que o fato de ter sido faraó seja envaidecedor, mas é apenas mais um detalhe na minha trajetória.

A vida mais decisiva para o meu progresso é esta atual, em que estou investindo mais na minha auto reforma moral.

Há pessoas que se preocupam apenas com seu desenvolvimento intelectual, mas isso lhes acarreta, muitas vezes, maiores oportunidades para errarem mais ainda, pois a inteligência é uma ferramenta neutra, que se não for bem direcionada proporciona maiores quedas.

Deter o poder através do dinheiro ou de outra forma costuma ser uma porta escancarada para os abusos.

Conhecer as próprias vidas passadas demanda uma responsabilidade maior ainda na vida atual, pois, se continuar errando numa determinada área, significará vontade de permanecer no erro e “a

quem muito é dado muito será pedido”.

Os nomes que tivemos e os lugares onde vivemos, no final de tudo, não importam, pois a única coisa que conta é a nossa iluminação interior, ou seja, a sintonia que temos, com o Bem ou com o Mal.

Esse maniqueísmo não é pura ficção, mas uma realidade palpável e cada um sai lucrando ou perdendo com o tipo de sintonia que mantém e suas companhias invisíveis são trabalhadores da Luz ou dragões do Mal.

Não há como usar máscaras no próprio mundo interno, que se irradia e proporciona a boa ou má sintonia.

Quando Jesus disse: “Seja o seu falar sim sim, não não” estava querendo dizer que não há como ninguém enganar a Lei da Sintonia.

Faço aqui uma pequena digressão, dizendo que sempre tive muita facilidade para a História e a Geografia e que a maioria dos povos e pontos do planeta não me são desconhecidos.

Tenho uma explicação simples para isso: vivi em muitas regiões no curso dos milênios e ficou, assim, essa facilidade para conhecer muitos deles, mesmo que por alto.

Na maioria das vezes fui militar, mas sempre voltado para o estudo da História e da Geografia.

Desenvolvi também uma forte inclinação para

a Arte, sobretudo o Desenho e a Pintura. A Religião sempre me interessou.

Ao invés de escrever longamente sobre cada uma das minhas vidas, vou resumir a menção a cada uma e pedir aos prezados leitores que leiam as notas que se seguem a cada uma delas.

Outro dado importante é que, como membro da falange a que me referi, que posso chamar de Casa da Vida, a maioria dos membros dessa falange sempre reencarnou em bloco, com a finalidade de semear o progresso.

Com erros maiores ou menores, sempre deixava alguma coisa de positivo para as criaturas.

Estou fazendo aqui uma análise rigorosa das minhas falhas, mas isso não significa que não tenha evoluído e que tenha vivido em função do Mal, pois, afinal de contas, sou um trabalhador do Bem e vim à Terra para ajudar e não como degredado.

Se as ajudar foram pequenas, que o foram realmente, não fui nunca, na Terra, os espírito devotado ao Mal. Isso deve ficar muito claro, para não parecer que sou um crápula ou um devasso.

Nem sempre as informações da Wikipédia, que menciono, são corretas, mas mantê-las-ei tal como se encontram disponibilizadas na Internet.

Peço a bênção dos meus orientadores espirituais, de Jesus, de Mãe Santíssima, do guardião Miguel e do Pai Celestial, para expor

toda a verdade de que tive conhecimento sobre meus feitos bons e ruins do passado multimilenário aqui na Terra, o planeta azul.

De mero homem que “não se basta”, ou seja, está sempre ambicionando, insaciável pelo poder, pelas conquistas exteriores; que “sai de casa”, ou seja, que apenas anda pelo mundo, cada hora nascendo num ponto do planeta, mas sem aperfeiçoar-se moralmente; que “olha pela janela”, ou seja, que vê o mundo exterior, mas não analisa seu mundo interno para tornar-se mais espiritualizado; que “vai mais longe”, ou seja, que está trocando de corpos e de nomes, nas diferentes épocas; que “viaja”, ou seja, vai simplesmente acumulando cultura horizontalista; que “estuda”, ou seja, observa com os olhos da racionalidade, mas não se humaniza no sentido mais amplo da expressão; que “age”, ou seja, atua com uma visão materialista; que não conhece a “não-ação”, ou seja, que não utiliza a força mental; venho, gradativamente, passando a ser aquele homem que Lao Tzé descreve na sua fala e que chama de “santo”, ou seja, espiritualizado.

Esse é o caminho: analise, prezado leitor, cada item dessa grande lição, que repito aqui:

Saber bastar-se no que basta é o bastante.

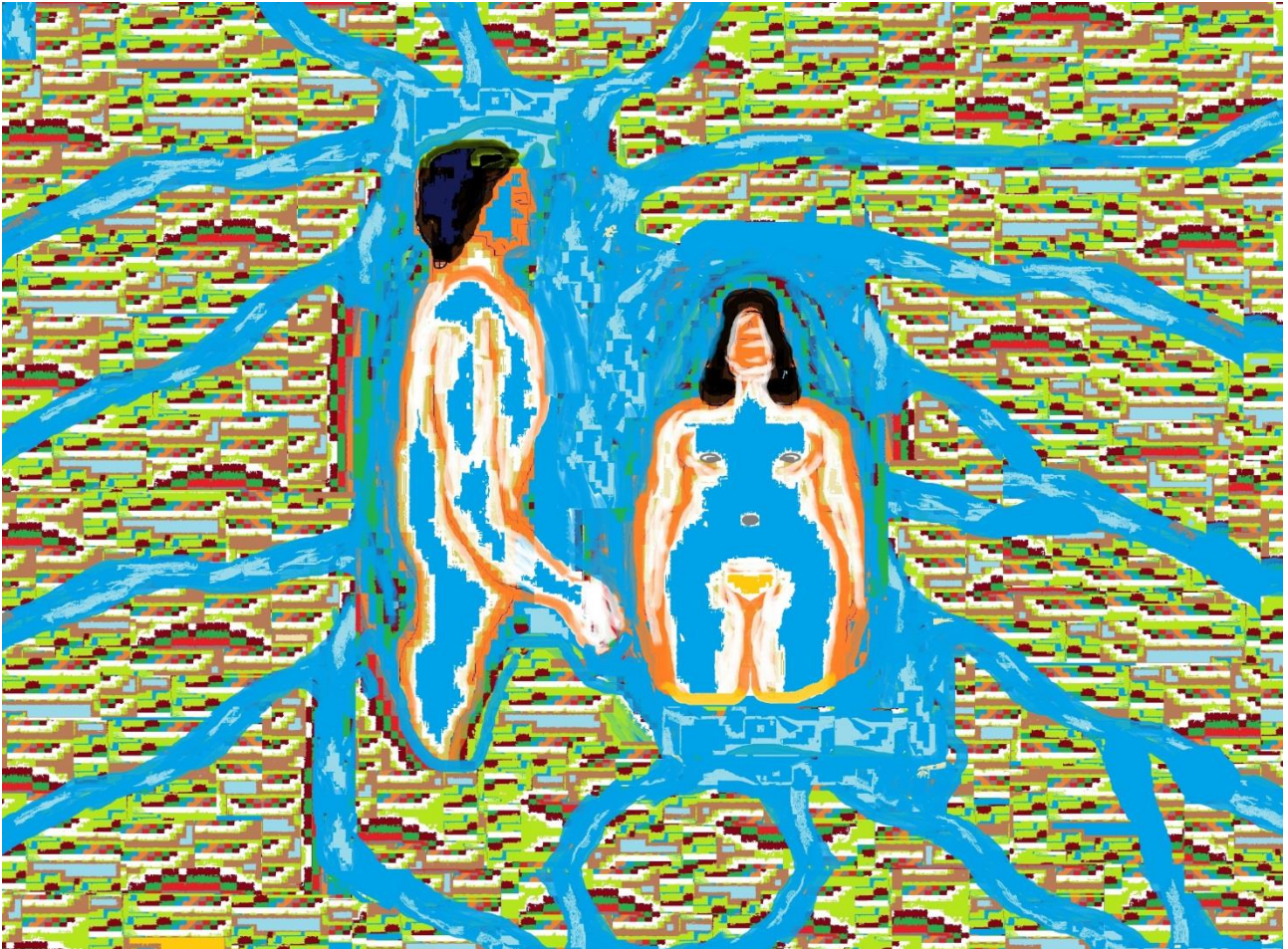
Sem sair de casa conhece-se o mundo.

Sem olhar pela janela vê-se o Tao do céu.

*Quanto mais longe se vai menos se conhece.
Por isto, o homem santo não viaja e conhece, não
olha e sabe, não age e realiza.*

*No estudo a cada dia se cresce mais.
No Tao a cada dia se decresce mais e decresce,
decresce, até chega chegar-se à não-ação.
Na não-ação nada deixa de agir.*

1 – NO CONTINENTE DE MU (12.000 a.C.)



Eu era um homem muito alto e de uma força descomunal. Dedicava-me ao trabalho de criador de leões.

Meu principal animal de poder é justamente o leão, por causa dessa afinidade, que vem de muito antes da fase humana.

Sobrevivi ao afundamento daquele continente, pois fui uma das pessoas avisadas de que tal iria acontecer.

Esse continente ficava localizado a oeste da América do Sul e albergava uma civilização muito avançada materialmente, mas onde a corrupção dos costumes passou a vigorar.

James Churchward cognomina-o de Pátria Mãe.

Esse autor escreveu um livro denominado, na edição em português, O Continente Perdido de Mu, cuja leitura ajuda a conhecer um pouco do que foi Mu.

Inseri acima um desenho que simboliza aquela minha vida.

Com as sucessivas vidas fui perdendo a musculatura poderosa, mas a estatura elevada permaneceu, pois me agrada ser um guerreiro.

Ainda guardo muito da agressividade dos tempos passados, pois há pouco mais de dois séculos atrás participei da chamada Guerra Guaranítica, no atual Rio Grande do Sul, onde matei muitos soldados adversários, que eram portugueses e espanhóis.

Dois séculos é um tempo muito curto na biografia de um espírito.

Outros detalhes anatômicos foram mudando e de uns milênios para cá sou do tipo longilíneo, com crânio dolicocefalo, enquanto que em Mu eu parecia mais um boxeador com muita semelhança a um Evander Holyfield.

NOTA

“Mu assim como Atlântida e Lemúria é

considerado um antigo continente que entrou em colapso devido a um cataclismo. Suas descrições e pesquisas ainda estão em um nível extremamente primário.

Histórico

De acordo com antigas lendas de povos que habitavam a América do Sul muito antes da chegada de Cristóvão Colombo ao "Novo Continente", Mu era um continente rico em ouro, prata e cobre. Essas lendas caíram no esquecimento após a chegada de Cristóvão Colombo à América, que culminou com a dizimação de grande parte da cultura desses povos. Alguns séculos depois, a lenda retornou à tona, quando o coronel inglês, James Churchward 1 , afirmou ter decifrado antigas inscrições em pedra.

As inscrições revelavam a existência de Mu, indicava sua localização (ligeiramente abaixo da Linha do Equador), sua extensão (9.600 quilômetros de Leste a Oeste, e 4.800 quilômetros de Norte a Sul) e a causa de sua submersão (uma ação vulcânica que dizimou a população de 64 milhões de pessoas).

Segundo levantamentos posteriores, toda a humanidade descenderia de Mu, e segundo Churchward tratava-se do Jardim do Éden, onde há 200 mil anos havia surgido o homem. As diferenças raciais teriam levado os grupos colonizadores a migrar para diferentes partes do mundo. Os mais poderosos formaram o império Uigur, cuja capital encontra-se até hoje enterrada sob o deserto de Gobi, na Ásia. Os outros formaram outras civilizações, entre elas as também hipotéticas Atlântida e Lemúria.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Mu_%28continente_perdido%29)

2 – NO EGITO ANTIGO (5.000 a.C.)



Fui o faraó da I Dinastia que ficou conhecido com o nome de Hórus Den e essa tabuinha, que está no Museu Britânico, em Londres, mostra meu retrato verdadeiro.

Li o faraó é retratado matando um adversário com uma arma letal.

Realizei muitas obras progressistas graças à influência da minha mãe, que foi a faraó Merineith.

Nesse período trabalhamos muito em função da Casa da Vida, que é uma instituição que existe até hoje e que, com diferentes nomes, vem contribuindo para o progresso espiritual das criaturas da Terra.

Sou um dos espíritos que compõe essa falange,

formada por uma infinidade de criaturas humanas e sub-humanas.

Todavia, um dos meus piores erros foi ter invadido a Península do Sinai e ali ter praticado verdadeiras chacinas e assaltos, sob o pretexto de defender o Egito.

Foram populações inteiras dizimadas, mulheres violentadas, saques e outras violências e imoralidades.

Den ficou conhecido como o “homem do deserto”, o que, por outro lado, preparou-me para viver, em épocas posteriores, com grande simplicidade, quando necessário.

Hoje em dia conseguiria viver numa barraca, alimentando-me de frutas e verduras, dispensar os calçados e assim por diante.

Essas dívidas, na certa, tive de pagar.

Não sei, todavia, se encarnei naquela região para poder beneficiar aquela gente ou como foi que a Justiça Divina decidiu a esse respeito.

Quando morri naquela vida fiquei agarrado ao corpo morto durante um tempo que não sei calcular e isso me traumatizou muito. Acredito que tenha sido uma punição ou então uma forma até de me proteger contra os ataques dos adversários espirituais, que deveriam estar à minha procura.

Em suma, se realizei muito como adepto do Xamanismo, por influência de minha mãe,

pratiquei muitas violências, sobretudo contra a população da Península do Sinai.

Tive algumas esposas e muitos filhos.

Não sei se amava todos os filhos, mas parece-me que fui um pai permissivo, tanto que uma das filhas ainda hoje é muito voluntariosa e agressiva.

As informações que encontrei sobre Den são muitas, no entanto, apenas em inglês e francês.

Essas que apresento em português, apesar de escassas, porém, são satisfatórias, segundo penso.

Quanto às Casas da Vida, a que me refiro, remeto os prezados leitores à leitura de dois livros publicados pela AMCGuedes Editora: “As Casas da Vida no Egito Antigo e Hoje” e “O Trabalho Espiritual das Casas da Vida”, que podem ser baixados gratuitamente da Internet dos meus blogs Luiz Guilherme Marques (www.luizguilhermemarques.com.br), Ciência Cósmica (www.cienciacosmica.com.br) e As Casas da Vida (www.ascasasdavida.com.br).

NOTA

“Den ou Udimu foi um rei da I dinastia egípcia, habitualmente considerado como quarto soberano desta dinastia. Teria reinado cerca de 14 ou 20 anos, no século XXIX a. C.

Filho de Djet, assumiu o trono ainda criança, tendo a regência sido assumida por sua mãe Merneith.”

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Den>)

3 – EM ISRAEL (1.000 a.C.)

Fui Urias, o general estrangeiro de Davi que, falsamente, se diz ter sido morto por um estratagema maldoso do rei.

Na verdade, Urias era um soldado que gostava de contar bravatas e acabou sendo morto em batalha, mas sem nenhuma culpa do seu rei.

Podem acreditar, prezados leitores, que a afirmação de que Davi tramou a morte do seu soldado é uma verdadeira fraude histórica, pois havia interesse em desmoralizar Davi e assim foi feito.

Urias era um péssimo homem, tendo-se inclusive casado com a judia Betsabá por puro interesse, de adquirir prestígio entre os judeus, e teve o fim que fez por merecer.

Esta oportunidade de escrever este livro é valiosa para mim justamente porque estou podendo desmentir o registro feito contra a bondade de Davi e a honestidade moral de Betsabá. Samuel, o registrador real ou fictício, acusou o primeiro de adúltero e traiçoeiro e a segunda de adúltera, mas isso não é verdade, pois quando eles se uniram Urias já tinha escolhido, há muito tempo, o abandono da esposa e as leis da época não eram como as atuais, onde se faz necessária a formalização do divórcio.

Fica aqui a primeira informação que faço de

que nem todo registro histórico é verdadeiro, mesmo aqueles que se encontram nos chamados “livros sagrados”.

Todavia, vou manter aqui o que encontrei na Wikipédia, deixando para os prezados leitores a opção de escolherem a versão que mais lhes agradar.

“Urias, o hitita ou heteu (Em hebraico: אוריה הכתי) foi um soldado do exército do Rei Davi citado no Velho Testamento. Foi marido de Betsabá e morreu depois que o Rei Davi ordenou a seus soldados que recuassem, deixando Urias sozinho na linha de frente de uma batalha contra os amonitas. A esposa de Urias ficara grávida do Rei Davi, num caso de adultério.

Ao saber da gravidez, Davi ordenou a Urias que retornasse ao lar depois de muito tempo longe e às vésperas de uma grande batalha. Devido a seu código de honra, Urias recusou-se a ir ao encontro de Betsabá pois acreditava que os soldados deveriam se abster de sexo antes da luta. Davi queria esconder o adultério da mulher forçando o reencontro com o marido, mas a recusa de Urias o levou a ordenar morte dele na batalha, logo em seguida.

Após a morte de Urias, Davi foi confrontado pelo profeta Natã que lhe avisou sobre a ira de Deus. A discórdia entrou para a família de Davi e tribulações acometeram o Reino de Israel. O primeiro filho de Davi com Betsabá morreu por juízo divino, e o príncipe Absalão, um dos filhos de Davi com uma de suas outras esposas, se rebelou contra o pai. Todos esses acontecimentos foram explicados como punição divina pelo adultério e o assassinato de Urias.

Bíblia

De acordo com a Bíblia, Urias era provavelmente de etnia hitita, uma minoria que habitava as terras de Israel e que vivia na assim chamada Canaã, antes da chegada de Abraão. Os Hebreus, ao entrarem em Canaã, haviam recebido o comando de (Deuteronômio 20:16-17) matar "qualquer coisa que respirasse... nas cidades das nações do Senhor Deus que ele deixara de herança" com a explicação de que "poupá-los, levariam a que lhes fossem ensinados sobre as abominações relacionadas a seus deuses e pecariam contra o Senhor seu Deus" (Deuteronômio 20:18).

Apesar disso, alguns nativos foram poupados a fim de cooperarem com os hebreus (Josué 2:12-14, 6:23, Juízes 1:24-25) mas aqueles que falharam nisso foram exterminados como ordenado (Josué 15:63, 16:10, Juízes 1:19, 21, 27-36).

No tempo de Davi, muitas gerações haviam se passado desde a chegada dos hebreus. O tumulto e o sofrimento pelas lutas do passado já haviam sido na maior parte esquecidos e vários descendentes sobreviventes dos hititas adotaram a religião dos hebreus, sendo aceitos como israelitas. Urias, cujo nome em hebreu significa "Deus (YHWH) é minha luz", ganhara o status como oficial do exército de pertencer ao chamado "poderosos" de Davi, o que provava a aceitação da comunidade étnica dominante.

Os poderosos de Davi

Davi envia a carta sobre Urias, livro no Museu Condé em Chantilly.

Os "poderosos de Davi" era um grupo de seus melhores trinta e sete guerreiros (mais tarde ampliados para cerca de oitenta). As listas (2 Samuel 23:8-39 & 1 Crônicas 11:10-47) apareceram depois que Davi se tornou rei mas

não era improvável que traziam os nomes dos seguidores que permaneceram fieis quando fugira do Rei Saul e devem ter com ele lutado lado-a-lado. Urias, como um dos escolhidos de Davi, mostrava sua proximidade com o palácio do rei e tinha o direito de querer ficar na linha de frente das batalhas, o que propiciou a Davi elaborar o seu plano.

Davi e Betsabá

Segundo a Bíblia (Livro Segundo de Samuel), o Rei Davi se apaixonou por Betsabá ao vê-la banhar-se do alto do terraço de seu palácio. Ele a chamou a seus aposentos e com ela manteve relações sexuais, resultando na gravidez. Ao saber que Betsabá era esposa de Urias e que este estava há muito tempo em campanha militar, Davi chamou-o, sugerindo que fosse passar uma noite com a esposa.

Urias recusou, alegando um código de honra dos soldados antes da batalha. Por este código, os soldados às vésperas de guerrearem, deveriam se abster de sexo como forma de manterem a disciplina. Após repetidamente recusar ir até Betsabá, Davi enviou-o a seu oficial comandante Joabe com uma carta que ordenava colocar Urias na frente da batalha e

deixá-lo sem proteção de modo a que ele fosse morto pelos inimigos.

A profecia de Natã

Natã repreende Davi

O profeta Natã confrontou Davi sobre esse assassinato, contando-lhe a história de dois homens, um rico e um pobre: O rico possuía muitas ovelhas enquanto o pobre tinha apenas uma, que cuidava muito bem. Um viajante se aproximou do rico pedindo por comida. O rico então pegou a ovelha do pobre como se fosse uma das suas e deu-a ao viajante.

Ao ouvir o relato, Davi furiosamente replicou: "Tão certo como Deus vive, o homem que fez isso merece a morte! Ele deve pagar quatro vezes mais do que o sacrifício do cordeiro pois não podia fazer isso e não teve remorso."

Natã então replicou "O senhor é esse homem! Eis o que o Senhor Deus de Israel me disse: "Eu ungi você Rei de Israel e o liberei das mãos de Saul." Eu o tornei mestre da casa e as esposas do mestre ficaram em seus braços. Eu dei a você a casa de Israel e Judá.

E se tudo isso fosse pouco eu lhe teria dado

mais. Por que você desobedeceu à palavra do Senhor e fez o mal aos seus olhos? Você sacrificou Urias o hitita com a espada e tomou a esposa dele como sua.

Você matou com a espada dos amonitas. Agora, a espada nunca deixará sua casa, pois você me desapontou e tomou a esposa de Urias, o hitita, como sua própria.''' NIV

Natã então conta a Davi que seu filho com Betsabá iria morrer. De fato, a criança pereceu após sete dias. Davi e Betsabá tiveram um segundo filho, o futuro Rei Salomão.'
(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Urias>)

4 – NA MACEDÔNIA (300 a.C.)



Fui Heféstion, um dos generais de Alexandre Magno, a quem se atribui práticas homossexuais com o referido rei.

Se foi ou não foi assim, a verdade é que nada fiz de bom naquela vida, mas, pelo contrário, assumi pesado débito pela violência e espoliações de vários povos, inclusive os indianos.

Na adolescência fui aluno de Aristóteles, com o qual mantive correspondência por muito tempo.

Morri envenenado por um dos companheiros de exército, que não se conformava com meu prestígio junto a Alexandre, que, inclusive, era meu amigo desde a época dos nossos estudos junto a Aristóteles.

Talvez o comprometimento mais grave tenha sido o das mortandades praticadas contra indianos.

Posteriormente, renasci na Índia, mas não tenho os dados sobre essa vida.

Durante muitos anos guardei uma prevenção contra o Hinduísmo, que só se desfez há uns meses atrás, com a ajuda espiritual do grande mestre Prabhupada, cujo templo visitei numa cidade brasileira.

A gente tem muito da tendência de odiar aqueles a quem prejudicou, pois fica mais fácil atribuir a culpa aos outros do que reconhecer que está errado.

A técnica do espelho é muito comum e o ego é o grande vilão nessa história, mas temos de vencer o ego para superarmos nossos defeitos morais e mudar de sintonia, do Mal para o Bem.

Não me preocupa a acusação de homossexualismo, pois Sócrates foi acusado dessa prática, Sathya Sai Baba de pedofilia e Osho de sexólatra.

Acusações existem muitas e os maldosos são mestres nisso: não vimos aquelas contra Davi e Betsabá?

Dizia-se do próprio Júlio Cesar, que é Alexandre numa vida posterior, que ele era o “marido de todas as mulheres casadas e mulher de todos os maridos”.

NOTA

“Heféstion Amintoros (356 a.C. — outono de 324 a.C.), era filho de Amíntor, aristocrata macedônio. Foi educado juntamente com Alexandre III da Macedónia, tendo tido também Aristóteles como professor. Sabe-se que, entre os trabalhos do filósofo, há um livro perdido de cartas a Heféstion.

Acompanhou Alexandre na sua campanha asiática desde o princípio, combatendo como general na cavalaria de elite. Quando passaram pela cidade de Troia (hoje, na Turquia), Alexandre foi honrar a sagrada tumba do herói Aquiles, levando Heféstion consigo para honrar a de Pátroclo (no século V a.C. criou-se o mito que esses dois heróis da Ilíada foram amantes, embora Homero nada tenha deixado explícito). Com esse gesto, Alexandre deixou transparecer perante todo o Exército a natureza da relação que ambos compartilhavam, embora seja importante destacar que no mundo grego a homossexualidade masculina era vista com total normalidade. O historiador Arriano de Nicomédia, uma das mais respeitadas fontes sobre Alexandre, escreveu que Heféstion foi a

pessoa a quem Alexandre mais amou em toda sua vida.

Após a batalha de Gaugamela (norte da Mesopotâmia), os dois foram inspecionar a tenda da família real. Um dos episódios mais conhecidos sobre Heféstion foi quando ambos conheceram Estatira e Sisigambis, respectivamente filha e mulher do rei Dario III. Segundo o historiador Cúrcio Rufo, a rainha mãe olhou para os dois homens mas prostrou-se perante Heféstion, que era mais alto e bonito e, segundo a lógica persa, quem mais chamava a atenção era o rei. Ao ser alertada pelo seu engano, ia prostrar-se novamente perante a Alexandre, mas este a levantou e a corrigiu dizendo: "Não te preocupes rainha mãe, não cometeste erro nenhum. Ele também é Alexandre".

Estatira, Alexandre e Heféstion, Joost Susterman

Por ser um dos poucos em quem Alexandre confiava, além de sua autoridade militar, também recebeu amplos poderes políticos.

Antes da invasão da Índia e cruzar o Indocuche, no atual Afeganistão, Alexandre o

nomeou ministro, reconhecendo como segundo homem do seu reino. Quando Alexandre casou-se com a princesa Estatira da Pérsia, filha do rei Dario, deu a Heféstion por esposa a jovem princesa Dripetis, de modo que passaram a ser cunhados.

No outono de 324 a.C., no retorno após terem conquistado o Vale do Indo, quando o exército macedônio se estabelecia em Ecbátana para passar o inverno, Heféstion caiu doente e não se adaptou à dieta rígida. Desconsiderou as prescrições médicas, comeu frango assado, bebeu vinho arrefecido e morreu. Os sintomas apontaram febre tifoide, mas suspeitou-se de envenenamento.

Independente da causa de sua morte, os historiadores dizem que Alexandre ficou louco de dor, cortando os próprios cabelos e as crinas dos cavalos do exército, mandou crucificar Glaucias, o médico que havia atendido Heféstion. Até os toques de flautas ficaram proibidos no acampamento. Após massacrar a revoltosa tribo dos Cosseanos, numa contenda intitulada Sacrifício Fúnebre de Heféstion, Alexandre celebrou fabulosos jogos funerais em homenagem e determinou

que se deveriam adorar Heféstion como um herói divino. Guardou um luto rígido durante meses e, pouco tempo depois, ainda estava construindo um esplêndido monumento funerário em honra ao amigo, quando o próprio Alexandre morreu em Babilônia.

Após a morte de Heféstion, seu cargo foi assumido por Pérδικas, o comandante da cavalaria.¹

A Carta 24 de Diógenes de Sinope, ainda que trazida a público apenas no primeiro ou segundo século da era cristã, reflete provavelmente os boatos dos últimos dias de Alexandre – expressa que o filósofo repreendeu o conquistador, dizendo: "Se queres ser bom e formoso (kalos kai agathos), tira esse trapo que tens sobre tua cabeça e vem conosco. Mas não serás capaz de vir, dado que estás preso pelas coxas de Heféstion".

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hef%C3%A9stion>)

5 – EM ROMA (100 a. C.)



Fui Salústio, o historiador, político e general de Júlio César.

O que fiz de pior foi espoliar o povo da então Numídia, que é atualmente a Argélia.

O que a Justiça Divina me cobrou como ressarcimento diante daquela população eu não sei.

Os famosos “jardins de Salústio” eram os mais perfeitos de Roma daquele tempo e a mansão onde residiu passou a ser futuramente a moradia de diversos sucessivos imperadores, tudo isso, e mais outras propriedades, adquiridos com os recursos desviados da Numídia, onde exerci o cargo de procônsul romano.

Salústio foi acusado de sexólatra e corrupto, mas reconhecido como grande historiador.

NOTA

“Caio Salústio Crispo (86 a.C. — 34 a.C.) foi um dos grandes escritores e poetas da literatura latina.

Nasceu em Amiterno, na Sabina, em 86 a.C., em uma família interiorana, mas de posses, tendo uma formação requintada. Foi cedo para Roma, e recebeu apoio de pessoas de influência da sua família. Com o apoio de Júlio César, Salústio foi eleito questor, cargo que lhe assegurou uma cadeira no senado romano. Investiu contra adversários de César, e estes passaram a ser seus adversários, como Milão [necessário esclarecer] e Cícero.

A inimizade que Salústio tinha para com Cícero se encontra refletida em sua obra; por exemplo, nos episódios relativos à conjuração de Catilina, o autor se mostra hostil a Cícero, não entrando em muitos detalhes quanto à importante participação daquele durante o ocorrido, não reproduzindo nem mesmo os discursos de Cícero no senado romano,

discursos estes que até hoje são lembrados pela historiografia política. Em compensação, Salústio descreve com riqueza de detalhes o discurso de Júlio César, com quem colaborava.

Salústio foi expulso do senado pelo censor Ápio Cláudio Pulcro, grande amigo de Cícero, sob a acusação de imoralidade, mas pouco depois foi reconduzido ao cargo pelo chefe e padrinho, Júlio César.

Durante a guerra civil, ele apoiou a causa de Júlio César, a quem prestou serviços e por quem foi nomeado governador da Numídia (África Nova), onde conseguiu acumular uma grande riqueza e passou a desfrutar da “angustiante fadiga romana”. No final de sua carreira política, passou a se dedicar à literatura. Já desiludido com a corrupção em Roma, escreveu sobre a decadência do povo romano e foi útil ao descrever dois grandes momentos do fim da república romana, a saber, a Conjuração de Catilina e a Guerra de Jugurta, episódios sobre os quais escreveu no período que vai da morte de Cícero, em 43 a.C., à guerra Purúgia, em 40 a.C., quando os grandes personagens da conjuração, Crasso, Pompeu, Catão, Júlio César, Cícero e o

próprio protagonista, Catilina, já haviam desaparecido do cenário político.

Salústio usa de suas narrativas como um pretexto para criticar os erros políticos cometidos pelos que detiveram o poder em Roma, principalmente aqueles de Cícero, seu inimigo político e pessoal.

Encerrou sua vida pública em uma mansão adquirida com as riquezas arrecadadas durante o período em que foi governador da Numídia, escrevendo suas monografias em seu belo jardim. Deixou seu nome na história, sobretudo pelos relatos legados sobre momentos decisivos da política da República Romana.”

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sal%C3%BAstio>)

6 – EM ISRAEL (ÉPOCA DE JESUS)

Cheguei a ver Jesus pessoalmente e fiquei muito feliz com esse encontro, que não demorou mais que alguns segundos e Ele me disse: “Cuide dos Meus filhos.”

Não cheguei a identificar meu nome naquela época, mas esse encontro com Jesus me marcou para sempre.

7 – NA FRANÇA (800)

Fui um historiador chamado Ermoldo Nigelo, cujo defeito mais grave foi a bajulação, pois escreveu engrandecendo os reis Luís I e seu filho Pepino com a única finalidade de ser readmitido na corte, da qual tinha sido expulso.

NOTA

“Ermoldo Nigelo ou Ermoldo Niger em latim: Ermoldus Nigellus; fl. 824–830), que significa Ermoldo, o Negro, foi um poeta cristão que viveu na corte de Pepino da Aquitânia, filho do imperador Luís, o Piedoso, e o acompanhou numa campanha na Bretanha em 824.

Quase nada se sabe sobre a vida de Nigelo fora o que ele escreveu sobre si em seus poemas. Embora muitos estudiosos tenham acreditado que ele era um monge ou clérigo, como só temos seus textos como evidências de sua existência, esta afiliação não pode ser provada. Estudos mais recentes sobre Nigelo, portanto, não afirmam mais que ele era monge.

A única outra coisa que sabemos sobre ele é que em algum momento da década de 820 ele foi exilado por uma ofensa não revelada a Pepino e Luís². Suas obras tinham por objetivo além de apaziguar os dois também ser utilizadas como prova de que ele estava pronto para voltar à corte aquitana.

Vida

Carreira e identidade

Embora não saibamos a origem de Nigelo, o nome Ermoldo é germânico e o epíteto, "Nigellus", que significa "negro" ou "pequeno" em latim, sugere que ele era ou "de pequena estatura, de cabelos escuros ou de complexão escura".

Muitos estudiosos assumem que, como Nigelo era tão fervoroso em seu desejo de voltar do exílio especificamente para a Aquitânia, que ele era de fato oriundo da região, mas trata-se de uma especulação. Na realidade, em seu poema ao imperador Luís ele na verdade evita descrever muito a região dizendo que os leitores devem "ir para a Aquitânia" e verem-na por si próprios. Isto levou alguns a sugerirem que ele não seria de fato de lá e que

estava simplesmente interessado em retornar para a vida na corte ao lado do rei Pepino. No mesmo poema, Nigelo nota que ele era "parte integral" da corte e segue afirmando que Pepino apreciava sua companhia e sua poesia. A partir disto, parece provável que, na realidade, o desejo maior de Nigelo quando escrevia ao rei era mais sobre voltar para a excitação e importância da vida na corte que retornar para sua terra natal.

Muitos estudiosos mais antigos acreditavam ainda que Nigelo seria um monge por ser capaz de ler e escrever, mas, novamente, a afirmação não passa de especulação². Uma outra explicação para esta habilidade de "compor poesias complicadas" pode ser as escolas que Carlos Magno fundou para as crianças da nobreza, o que implicaria que Ermoldo pode ser apenas um nobre educado. McKitterick explica que é um erro assumir que "educação e aprendizado estavam confinados ao clero" uma vez que ambos eram comuns para leigos e garotos de classe média que eram enviados a estas escolas. Fleiner explica que Nigelo pode ter sido mal identificado com muitas outras figuras da mesma época, especialmente um abade

chamado Hermoldus que Luís enviou para a corte de Pepino em 834 ou um chanceler na corte de mesmo nome³ . A associação de Ermoldo Nigelo com estes dois contemporâneos levou a uma falsa interpretação que ele seria um clérigo e também um chanceler de Pepino. Pelo que sabemos, pode muito bem ter sido os dois, mas as demais evidências em sua poesia sugerem o contrário.

Outro fato sobre si que Nigelo revela em suas obras é ele era um soldado no exército do rei Pepino durante sua segunda campanha na Bretanha. Apesar de ser soldado, Ermoldo admite que não era muito bom e cita o rei pedindo-lhe que se dedique a escrever ao invés de tentar a luta de espadas, que, no caso dele, era inútil contra os bretões This fact is problematic for scholars who believe that Ermoldus was a monk as monks did not typically bear arms or fight.. Ele pode ter sido abade, pois era comum na época que eles servissem entre os militares, mas é mais provável que ele fosse parte dos "letrados da corte" (homens educados que serviam na corte como líderes militares, enviados e professores).

*Exílio**Patrocinadores e algozes**Imperador franco Luís, o Piedoso**Imperador franco Luís, o Piedoso**Rei da Aquitânia Pepino**Rei da Aquitânia Pepino**Deniers de prata franceses*

Como sabemos que Ermoldo esteve na Bretanha em 824 e escreveu "In Honorem Hludowici" entre 826 e 828 já exilado, assume-se que o exílio se deu entre essas datas. Nigelo jamais explicou a razão, mas admite que cometeu "atos horríveis por própria culpa"¹¹ . Ele admite que seus crimes não foram sérios, mas que era culpado de se associar a um grupo errado de pessoas na corte, talvez pessoas associadas aos filhos rebeldes do imperador Luís¹² . Depois de ter cometido os tais atos horríveis contra Luís, foi exilado para a igreja de Santa Maria em Estrasburgo. Este tipo de punição era comum entre "clérigos criminosos", outra razão para muitos estudiosos defenderem que ele seria monge ou padre³ . Nigelo descreve sua estadia ali como infeliz, mas parece que o exílio foi, na verdade, bem aprazível e algumas evidências mostram que Nigelo pode não ter

estado sequer em prisão domiciliar, apenas sob uma custódia preventiva¹². Fleiner acredita que Nigelo foi enviado para um território pertencente à esposa de Luís, Judite, que Nigelo admirava. Se os associados de Nigelo que lhe causaram o exílio estavam planejando traição contra a família real, então o imperador pode simplesmente ter removido Ermoldo da situação¹². Por outro lado, Boutelle acredita que Ermoldo pode ter sido exilado por ter deixado estes homens saquearem um igreja durante a campanha bretã de Pepino, descumprindo as ordens de Luís citadas em "In Honorem Hludowici": "Salvem as igrejas, homens, e não toquem nos edifícios sagrados"¹³. No geral, a razão para o exílio permanece um mistério não resolvido pelos acadêmicos, uma vez que não sabemos de qualquer outra fonte primária que cite Ermoldo Nigelo exceto para atribuir-lhe suas próprias obras.

Anos finais

The ending of Ermoldus' story is ultimately unknown, he could have been reinstated at court but we have little evidence to conclude that. The only suggestion of Ermoldus' return to court is the possibility that he could have

been one of Pippin's chancellors (Hermoldus) as documented in three of Pippin's charters issued in the mid 830s. He produced no other surviving works and there are no references of him in any other literature of the time period.

Poesia

Ermoldo era culto e conhecia os poetas latinos clássicos. Seu poema "In honorem Hludovici imperatoris" ("Em homenagem ao imperador Luís") tem algum valor histórico e consiste de quatro livros que tratam da vida e ações de Luís entre 781 e 826. Além dele, escreveu também duas epístolas em forma de poemas imitando o estilo de Ovídio, endereçadas a Pepino.

A "In honorem Hludovici" e outros textos foram publicados na Monumenta Germaniae historica Scriptores, vol. 2 (1826 fol.), editada por Ernst Dümmler; por J.P Migne na Patrologia Latina, vol. 105 (1844); e por Ernst Dümmler na "Poetae Latini aevi Carolini", vol. 2 (1881–1884).

Epistolas

Depois de ter sido exilado, Ermoldo escreveu dois poemas para o rei Pepino e os enviou a

ele como epístolas. É ainda incerto quando elas foram escritas, mas Peter Godman defende que a primeira ("Ad Pippinum regem") foi escrita antes de "In honorem Hludowici", e a segunda ("Ad eundem Pippinum"), depois, já parte da tentativa de Nigelo de formar "uma série de apelos elogiosos ao patrocínio do imperador e seu filho"¹⁴. Ele escreveu as epístolas num estilo que imita Ovídio e, portanto, tenta reproduzir a "atmosfera literária das primeiras cortes carolíngias" que estava associada ao "patrocínio e favorecimento"¹⁵ This approach would have helped to dignify his plea for recall at court.¹⁵

In Honorem Hludowici

A magnum opus de Nigelo, "Carmina in honorem Hludowici Caesaris", foi escrita em algum momento entre 826 e fevereiro de 828 enquanto Nigelo estava em Estrasburgo. Ela tem aproximadamente 250 linhas de verso e foi dividida em quatro livros. Seus objetivos principais eram elogiar os sucessos do imperador Luís e persuadi-lo a permitir que Nigelo voltasse para a corte do rei Pepino. Ermoldo explica também que "In honorem" deveria ser utilizada pelo rei como guia sobre

governar um reino pois Nigelo descreve o imperador Luís como o modelo perfeito de monarca⁷. Este poema é geralmente criticado por sua confiabilidade histórica, pois tem por objetivo obter o favorecimento de Luís e não relatar a história, sendo portanto considerado um panegírico explícito¹⁶.

Outras obras

Estudiosos assumem que estas três obras não foram as únicas de Ermoldo. Ele de fato menciona nelas que frequentemente divertia o rei Pepino com sua poesia durante a campanha da Bretanha em 824 e que ele era considerado um hábil escritor. Infelizmente nenhuma outra sobreviveu. Alguns acadêmicos defendem que Nigelo seria o autor de um poema sobre Válter da Aquitânia chamado "Waltharius", pelas similaridades entre ele e "In honorem Hludowici", mas a tese é rejeitada por outros, como Godman, que afirma que o estilo poético de "Waltharius" é mais pobre que o de Ermoldo."

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Ermoldo_Nigelo)

8 – NA FRANÇA (1.100)

Fui Astrolábio, padre filósofo e filantropo, filho dos filósofos Abelardo e Heloísa, cujo maior erro foi ter participado do assassinato de um nobre francês por motivação política.

NOTA

Consulte, por favor, o livro “A Verdade sobre Abelardo, Heloísa e Astrolábio”, publicado pela Letras do Pensamento Editora.

Todavia, para facilitar para os prezados leitores, vou transcrever aqui um trecho daquele livro:

“Ele não foi um mero filho do seu pai e filho da sua mãe, como costuma acontecer em relação aos descendentes de celebridades em todos os tempos, mas foi o continuador das ideias e das obras de ambos, chegando a ser qualificado, pela historiadora Brenda Cook, como um segundo Abelardo.

Estudou na Bretanha até cerca de 20 anos de idade, quando conviveu muito com o pai, aprendendo com ele a Filosofia mais avançada que podia assimilar, mas o que mais o impactou foram os postulados do Celtismo e, depois que passou a conviver com a mãe abadessa, visitava-a periodicamente e ali

aprendeu outras áreas do Conhecimento.

Também este sob a influência do grande abade Pedro, o Venerável, que se tornou amigo e protetor dos familiares do falecido Pedro Abelardo.

Trata-se de uma história muito bonita, que começou com a amizade entre Pedro, o Venerável e Abelardo e terminou pela sustentação política da viúva abadessa do amigo e do filho daquele que se tornara seu mais querido companheiro de ideal.

O peso de uma morte, que carregou desde a juventude, foi compensado pelo grande idealismo do futuro sacerdote, grande pregador da Caridade na teoria e na prática.”

9 – NO BRASIL (1.500)

Fui o padre jesuíta Juan Azpilcueta (conhecido como Navarro), o qual se tornou amigo do chefe indígena Cunhambebe e acabou sendo envenenado pelos seus companheiros de batina, que o julgaram traidor.

Aqui começou uma série de atitudes mais nobres, pois os índios brasileiros tinham razão em não quererem que os brancos lhes arrasassem a cultura e os quisessem escravizar.

NOTA

“João de Azpilcueta Navarro, padre da Companhia de Jesus, dos primeiros a serem catequistas no Brasil, no século XVI.

Teria sido o primeiro que aprendeu a língua indígena e dela se utilizou desde 1550 na pregação aos selvagens. Foi certamente o primeiro basco a pisar terras do Brasil. Seu nome era Juan Azpilikueta, da nobre família dos Azpilikueta do reino da Navarra e os portugueses, com dificuldade para pronunciar o nome, passaram a escrevê-lo Navarro, isto é, nascido na Navarra, em homenagem a sua procedência. Pertencia à família de São Francisco Xavier cuja mãe se chamava Maria

Azpilikueta Aznares; um dos irmãos do santo, Juan de Azpilicueta (1497-1556), foi senhor de Sotés e se conhecia como Capitão Azpilicueta.

O padre João nasceu no País Basco, na Espanha, em Iriberry ou Burlada, de onde eram naturais seus pais, Juan de Azpilcueta e Maria Sebastiana de Iriberry ou de Javier, entre 1522 e 1523; morreu na Bahia em 1557, ainda jovem. Era sobrinho do humanista Martín de Azpilcueta, o famoso Doutor Navarro, que lecionou na Universidade de Coimbra. Por isso o padre João frequentou a Universidade entre 1540 e 1549, data de sua partida para o Brasil, vivendo em casa do tio, que o queria como filho. Ingressou na Companhia de Jesus em Coimbra em 22 de dezembro de 1542, mais ou menos aos vinte anos. Foi sempre, com atestam suas cartas, um católico fervoroso. Além do mais, grande estudioso, de estrita moralidade cristã, europeu da Idade Média, seu mundo seria transtornado ao desembarcar no Brasil. Foi ele mesmo quem pediu para embarcar, em 1549.

No Brasil

D. João III, após a morte do Donatário da

Bahia, Francisco Pereira Coutinho, resolveu instalar um Governo-Geral para todo o país, afastando a cobiça estrangeira. O rei, que foi descrito por Santo Inácio de Loiola como pai e protetor da Companhia de Jesus, enviou com o primeiro governador seis jesuítas comandados pelo padre Manuel da Nóbrega. A viagem durou 56 dias e em 29 de março de 1549 desembarcaram na Bahia, com calorosa recepção pelos colonos.

O Padre João ficou três anos em Salvador, ocupado com a construção do colégio e da cidade e, principalmente, trabalhou nas aldeias indígenas dos arredores. Era necessário aprender o idioma do gentio para poder catequizá-los. E nisso o padre João era excelente! Meses depois, escrevendo à Europa, Nóbrega conta que ele tinha mais facilidade do que os outros para se comunicar com os índios, e pensava que devia ser por um parecido qualquer entre o euskara que falava desde a infância e o idioma tupi ou abanheenga.

Viagem ao sertão

Desde 1500, os habitantes de Porto Seguro falavam de uma cordilheira brilhante e

preciosa no interior, a serra Verde, serra Negra ou serra das Esmeraldas. Os índios asseguravam que, nas margens da lagoa Vupabaçu (“Lagoa grande”), se encontravam pedras verdes – e os portugueses sonhavam com esmeraldas ou safiras. Em 1553, D. João III ordenou ao governador explorar as fontes do rio São Francisco. Informado de que os espanhóis haviam achado ouro e esmeralda do outro lado da linha imaginária de Tordesilhas, encarregou da expedição o castelhano Francisco Bruza Espinosa. Nóbrega indicou como padre João de Azpilcueta. Partiram em outubro ou novembro de 1553. Demorariam um ano e meio, como se conta em Entradas e Bandeiras, para percorrer penosamente 350 léguas, ou seja, 2310 quilômetros.

Para Afrânio Peixoto, em A cultura brasileira, pg. 289, Azpilcueta foi o primeiro mestre e missionário do gentio, o primeiro nas entradas evangelizadoras aos sertões, que varou em 1553 em Porto Seguro – 350 léguas de périplo, às cabeceiras do rio Jequitinhonha, São Francisco, tornando ali ao litoral pelo rio Pardo.» Antes de partir, em carta aos irmãos deixados em Coimbra, escrita de Porto Seguro em 19 de setembro de 1553, conta ele: «

Fiquei aqui somente por falta de padres e pela necessidade que havia na terra de despertar a gente que estavam e estão no sono do pecado, somente com nome de cristãos, embebidos em malquerenças, metidos em demandas, envoltos em torpezas e sujidades publicamente, o que tudo me causava uma tibieza e pouca fé e esperança de poder-se fazer fruto, contudo meti-me a apalpar, quis Nosso Senhor que alguns se apartassem dos pecados, uns tirando de si, outros casando-se, muitos cediam das demandas e libelos condescendendo a meus rogos, e outros, que me ajudavam, e desta maneira se reconciliavam muitos.» E, adiante, conta de seu pouco entusiasmo em partir terra adentro: «Interim, encomendai-me muito ao Senhor, caríssimos, e porque nunca me achei em tanta necessidade como agora, por ir só entre leigos de diversas mais por terras cobertas e gentes bárbaras que se comem, que com lágrimas vos quisera escrever não a ida, senão meu pouco entusiasmo para tão grande empresa.»

Azpilcueta afirma, em correspondência citada pelo padre Serafim Leite em Novas cartas jesuítas, página 155: «Nesta capitania, achei um homem de boas partes, antigo na terra, e

tinha o dom de escrever a língua dos índios, o que foi para mim grande consolação, e assim o mais do tempo gastava em lhe dar sermões do Testemunho Velho e Novo e Mandamentos, Pecados mortais e Artigos de fé, e Obras de Misericórdia, para tornar em a língua da terra.» Os jesuítas dos estados do Brasil e do Maranhão escreveram numerosos relatórios, cartas e informes com pormenores sobre sua vida diária e seu trabalho missioneiro. Suas cartas, que acabaram nos arquivos de Roma, Lisboa, Évora, Madrid e no Rio de Janeiro, foram consultadas pelo padre Serafim Leite no século dezenove e hoje são material de grande valor para os historiadores. Era acompanhado em suas missões ao interior pelo padre Vicente Pires, de São João da Talha, em Portugal, entrado na companhia aos dezessete anos. Entravam pelo sertão em terrenos inóspitos, visitando aldeias distantes e, diz Navarro, «passamos assaz trabalho e perigos, por nos ser necessário andar de noite algumas vezes e por matos, porque cá não há os caminhos de Portugal, e há neles muitas onças e outras feras.»

Na expedição de 1553, enfrentaram os índios do Jequitinhonha (puris ou aimorés) e as

dificuldades naturais do caminho ou da ausência dele, nas terras que os próprios indígenas apelidavam Ivituruna ou «montanha negra». Enfrentaram tempestades e perda de animais, sempre com muito cansaço. Dos encontros com os índios passavam a construir botes para descer caudalosos rios e, mesmo assim, Azpilcueta pôde se referir à beleza da terra, à sua fertilidade, aos costumes dos índios, à abundância de aves e animais selvagens, sem esquecer jamais de sua missão: encher aquela terra de gente cristã, nativa ou estrangeira.

A carta em que escreveu a viagem foi escrita em Porto Seguro em vinte e quatro de junho de 1555. No início de 1556, estava de novo em Salvador. Morreu ali entre quinze e trinta de abril de 1557, tendo dedicado os melhores anos de sua vida à evangelização. Suas cartas se podem ler em «Cartas jesuíticas»: Cartas do Brasil, Cartas avulsas, periodicamente reeditadas.

Trecho de uma carta de Salvador, agosto de 1551:

“Assim, chegamos a uma aldeia onde

achamos os gentios todos embriagados, porque aqui têm uma maneira de vinho de raízes que embriaga muito, e quando eles estão assim bêbados ficam tão brutos e ferozes que não perdoam a nenhuma pessoa, e, quando não podem mais, põem fogo na casa onde estão os estrangeiros. Com tudo isto, porque chovia muito e íamos mui molhados, nos recolhemos em outra casa para nos enxugar, e daí a pouco vieram com grande fúria, com espadas e outras armas contra nós...””

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Azpilcueta_Navarro)

10 – NA FRANÇA (1.600)

Chamei-me François de Montferrand e fui filho de Jeanne de Lestonnac, canonizada pela Igreja Católica.

Apropriei-me do patrimônio da família, composta por mim, irmãs e a mãe.

Como me ressarci dessa falta não sei. Naquela época fui membro da Cavalaria Real, reeditando mais uma vida como militar.

Todavia, estudei algum tempo em Roma e acredito que tenha deixado algum escrito, que, todavia, não consegui localizar.

Era aparentado com Montaigne, que admiro como filósofo socrático e que menciono muito nos meus escritos atuais.

Os prezados leitores podem observar minha sintonia com a França, pois vivi ali muitas vidas.

A facilidade que tenho hoje com relação à língua daquele país mostra que falei aquele idioma em outras épocas.

Realmente, essa facilidade é muito grande e posso dizer que as traduções que faço do francês para o português não ficam mal feitas.

11 – NO BRASIL (1.700)

Fui o padre jesuíta Tadeu Xavier Henis, que se tornou amigo do índio Sepé Tiaraju e lutou junto com os índios contra os portugueses e espanhóis, que queriam tirá-los da sua região, que hoje é o Rio Grande do Sul.

Defendi uma causa nobre, que era a dos índios.

NOTA

Confira no livro “Os Índios do Brasil”, publicado pela AMCGuedes Editora.

Naquela época escrevi um livro que, em português, teria o nome “Guerra Guaranítica”, da qual participei como aderente aos índios chefiados por Sepé Tiaraju contra os exércitos português e espanhol.

Em suma, era um padre guerreiro.

12 – NO BRASIL (PRIMEIRA METADE DE 1.900)

Depois de muitas vidas de sexolatria e violência, nasci aleijado, filho de mãe prostituta e vivi poucos anos, sem afeto nenhum de quem quer que seja.

Passei muita fome, frio e tinha no meu íntimo um forte sentido de abandono.

FIM